



AMILCAR DE CASTRO

100 ANOS



AMILCAR DE CASTRO

100 ANOS

OUTUBRO 2020

PAULO
DARZÉ
GALERIA



Ao criar a Paulo Darzé Galeria tinha como um dos objetivos trabalhar com a arte moderna e a arte contemporânea. Isto acabou sendo desenvolvido através dos anos com uma atuação expondo os principais nomes da arte no Brasil. Entre eles estava neste propósito Amilcar de Castro, que o conheci ainda no final dos anos 90 para fecharmos uma mostra. Infelizmente esta não aconteceu com a presença dele. Depois de sua morte realizamos duas exposições em nossa sede aqui na Bahia e uma na SPArte, e continuamos trabalhando e exibindo e comercializando até hoje sua obra.

Falar de Amilcar de Castro em seu centenário é falar de um dos artistas mais importantes na história da arte e de um trabalho que ao ser concebido nos traz o rigor e a simplicidade através de técnicas, formas e linguagens, em diferentes materiais, seja na obra gráfica ou na escultórica, e nos ensina no seu todo e em toda sua criação a afirmação da liberdade, algo imprescindível não só para a arte, mas para vida. Uma lição do existir. Como diz seu filho Rodrigo, artista também de nossa galeria, “quanto mais o tempo passa maior a grandeza que se desvela de sua obra”.

Thais e Paulo Darzé

S/TÍTULO 0137 DÉC. 80
ACRÍLICA SOBRE TELA
130 x 130 CM



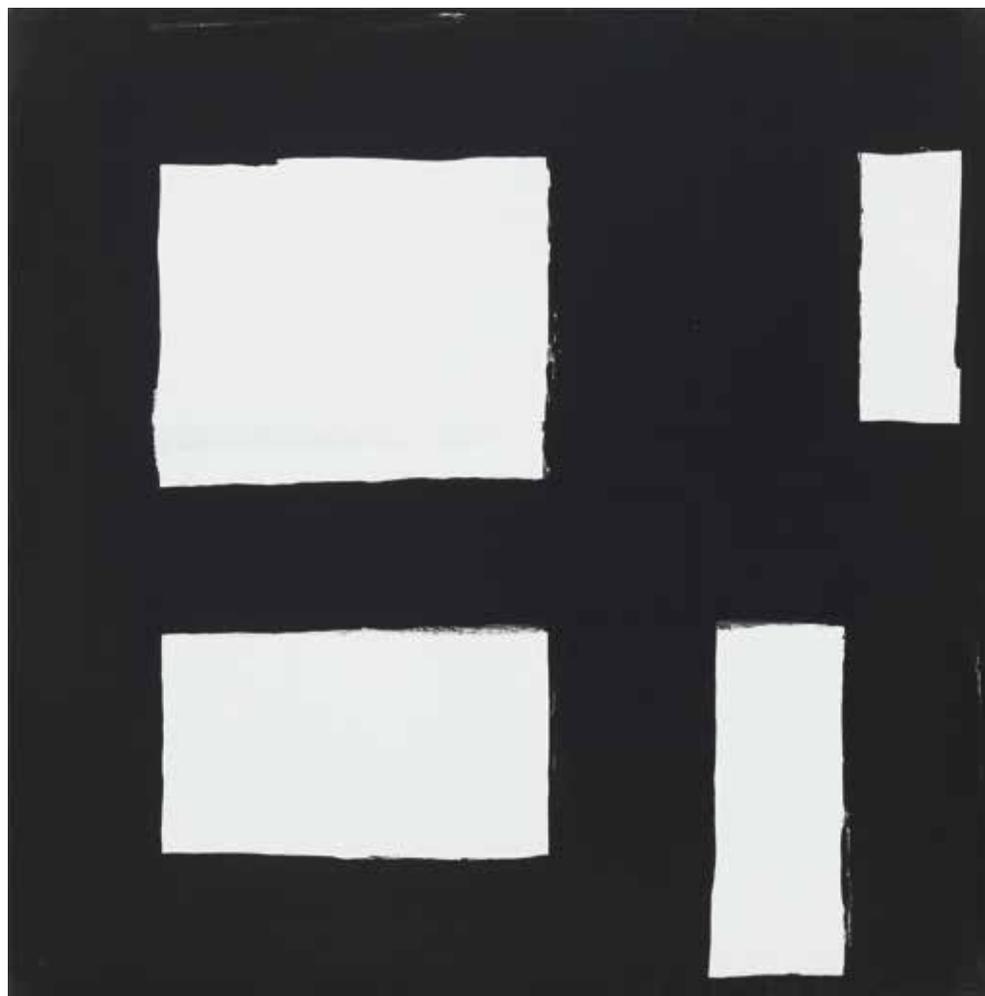
S/TÍTULO 0117 DÉC. 80
ACRÍLICA SOBRE TELA
130 x 130 CM



Vida e Arte

O que caracteriza um artista é ele olhar para dentro de si mesmo. Toda experiência em arte é um experimentar-se, é a experiência de si mesmo, é uma pesquisa em você mesmo. Você não pode fazer experiências com os outros. Esse silêncio do olhar para dentro à procura da origem das coisas é que é o grande problema da arte. Procurando a origem você fica original, e não querendo fazer uma coisa diferente. É por isso que eu acho que criar está junto com viver, que arte e vida são a mesma coisa.

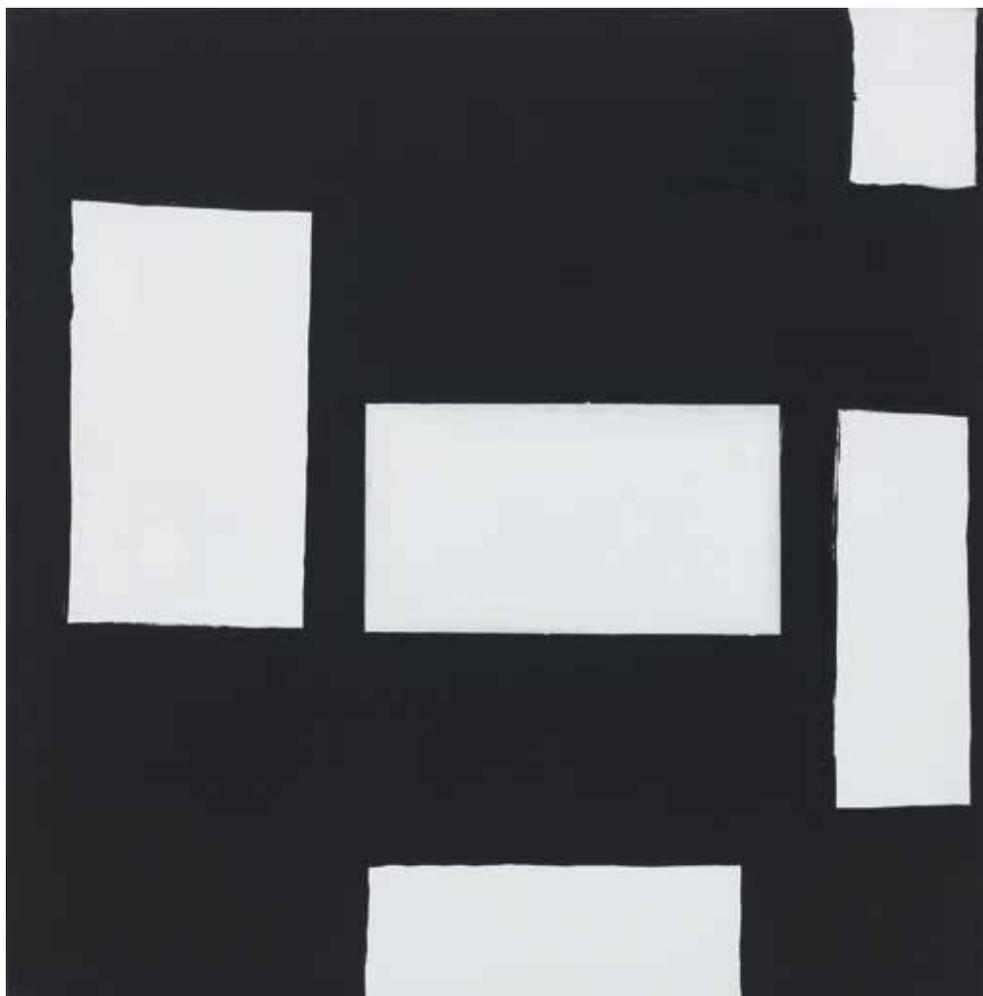
Amilcar de Castro



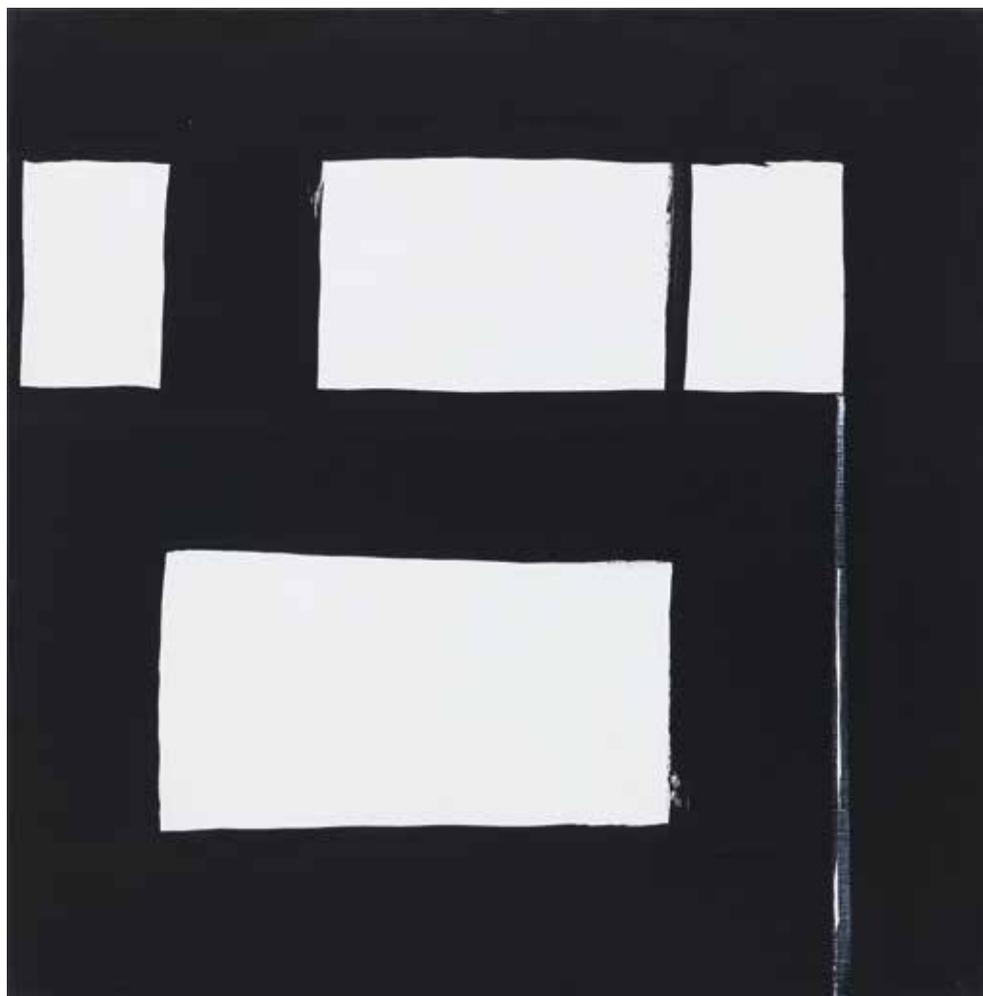
S/título 0058 Déc. 80
ACRÍLICA SOBRE TELA
80 x 80 CM



S/título 0063 Déc. 80
ACRÍLICA SOBRE TELA
80 x 80 CM



S/título 0053 Déc. 80
ACRÍLICA SOBRE TELA
80 x 80 CM



S/título 0056 Déc. 80
ACRÍLICA SOBRE TELA
80 x 80 CM



S/título 0050 Déc. 80
ACRÍLICA SOBRE TELA
80 x 80 CM

Lembrando Amilcar

Meu encontro e convívio com Amilcar de Castro fogem do padrão habitual que se espera entre dois artistas. Não foi o cenário do circuito de arte que nos aproximou, mas as relações familiares. Quando, em 1959, sua irmã, Indiana, casou-se com meu irmão, Simão, eu tinha 13 anos. Se contarmos o tempo de namoro e noivado dos dois, tinha 11 anos quando conheci Amilcar. Nessa época ele morava no Rio e, quando vinha a Belo Horizonte, anunciava sua visita à nossa casa para comer o quibe da minha mãe e ver meus desenhos. Não me lembro dos comentários que fazia, mas o estímulo de seu olhar já estava dado. Em 1968, quando passei a cursar a Escola de Belas-Artes da UFMG e a encarar a vida profissional de artista, Amilcar embarcava para os Estados Unidos, com a bolsa Guggenheim, onde permaneceria até 1972. Durante esse período, trocamos cartas recheadas de notícias familiares e, claro, artísticas. Nelas, Amilcar comentava sobre os meus novos rumos e se aprofundava em considerações sobre o desenho, a linha, a criação plástica em geral.

Em Belo Horizonte, além do tradicional almoço semanal em casa de nossos irmãos, nos encontrávamos em reuniões familiares e em bares, sempre em torno de muita conversa e risos e cerveja gelada. Eram momentos em que costumavam vir à mesa, com o humor e o talento memorialista de seu irmão Toninho, casos engraçados tendo Amilcar como personagem principal. Um deles era a pergunta que o artista, pequeno, fez à avó Camila, depois de ouvir uma preleção religiosa: “Anjo da Guarda de doido é doido?” Numa outra ocasião, a avó tinha no colo um dos bebês da casa que, em pleno berreiro, perdeu o fôlego. Ela se assustou. Amilcar passava por perto e, depois de ter ouvido falar que um pouco de água na testa da criança ajudava a fazê-la voltar ao normal, destampou um filtro de barro e desabou a cascata sobre a criança e a avó.

A volta de Amilcar para a cidade coincidiu com minha partida para a França, onde ficaria de maneira um pouco intercalada, por quase uma década.

Fui reencontrá-lo no ambiente acadêmico da Escola de Belas-Artes, onde éramos professores. Assumi algumas disciplinas de Desenho e via Amilcar ensinar Composição. Em 1982, um grupo de artistas-docentes, especialmente interessado em renovar a pedagogia artística, conseguiu formular e implantar na Escola um sistema de ateliês livres para alunos em final de curso. Desde o início, interessei-me em dirigir o Ateliê de Desenho. Com o tempo, esses espaços de criação foram se afirmando, chegando a dar excelentes frutos e com grande repercussão nos meios acadêmicos e artísticos, tratando do desafio na formação do artista. Um dia, vejo Amilcar entrar na sala e dizer: “Me mandaram pra cá”. Foi um presente que todos ganhamos e desfrutamos ao longo de dois anos. Entre as atividades inovadoras dos Ateliês estavam o sistema de avaliação, que acontecia a cada dois meses. Para essas reuniões convidávamos críticos de arte, galeristas, artistas de fora. A ideia era estimular o jovem criador num contato extramuros e promover, para o circuito artístico, uma experiência de conhecer a produção na boca do forno.

O trabalho começava com cada participante mostrando seu processo, revelando suas dúvidas, reconhecendo seus avanços. A partir daí, cada um dos convidados emitia sua opinião. A seguir, alguns colegas acrescentavam suas observações. Enquanto todos teciam grandes teorias para chegar ao ponto crítico do trabalho apresentado, Amilcar era surpreendentemente sucinto. Costumava usar, até mesmo, gestos enfáticos e secos, os quais se faziam acompanhar de adjetivos simples e sons onomatopaicos. Algo como: "Huuuum, aqui tá... éééé... foooorte! Já essa cor... ôôôô, é menos... êh... bom!" E fechava os punhos, torcendo-os, como um maestro no final de uma peça apoteótica.

Amilcar ensinava também na Escola Guignard e na Fundação de Arte de Ouro Preto. Com o recuo do tempo, a sua presença entre os jovens artistas foi e continua sendo marcante, para não dizer decisiva. Mas esta influência não passa, curiosamente, por seus discursos analíticos, racionais, mas pela ausência deles. Uma mensagem subliminar de se praticar a concisão. É como deixar em aberto o caminho para que cada um resolva seu dilema estético com a prática e o tempo. Não seria impróprio comparar esses espaços pedagógicos do não dito com o ar que o artista deixa passar entre os planos de ferro de suas esculturas. E, também, não é por acaso que sua expressão verbal preferida é a poesia, onde sintetiza o que poderia ser longas horas de discurso.

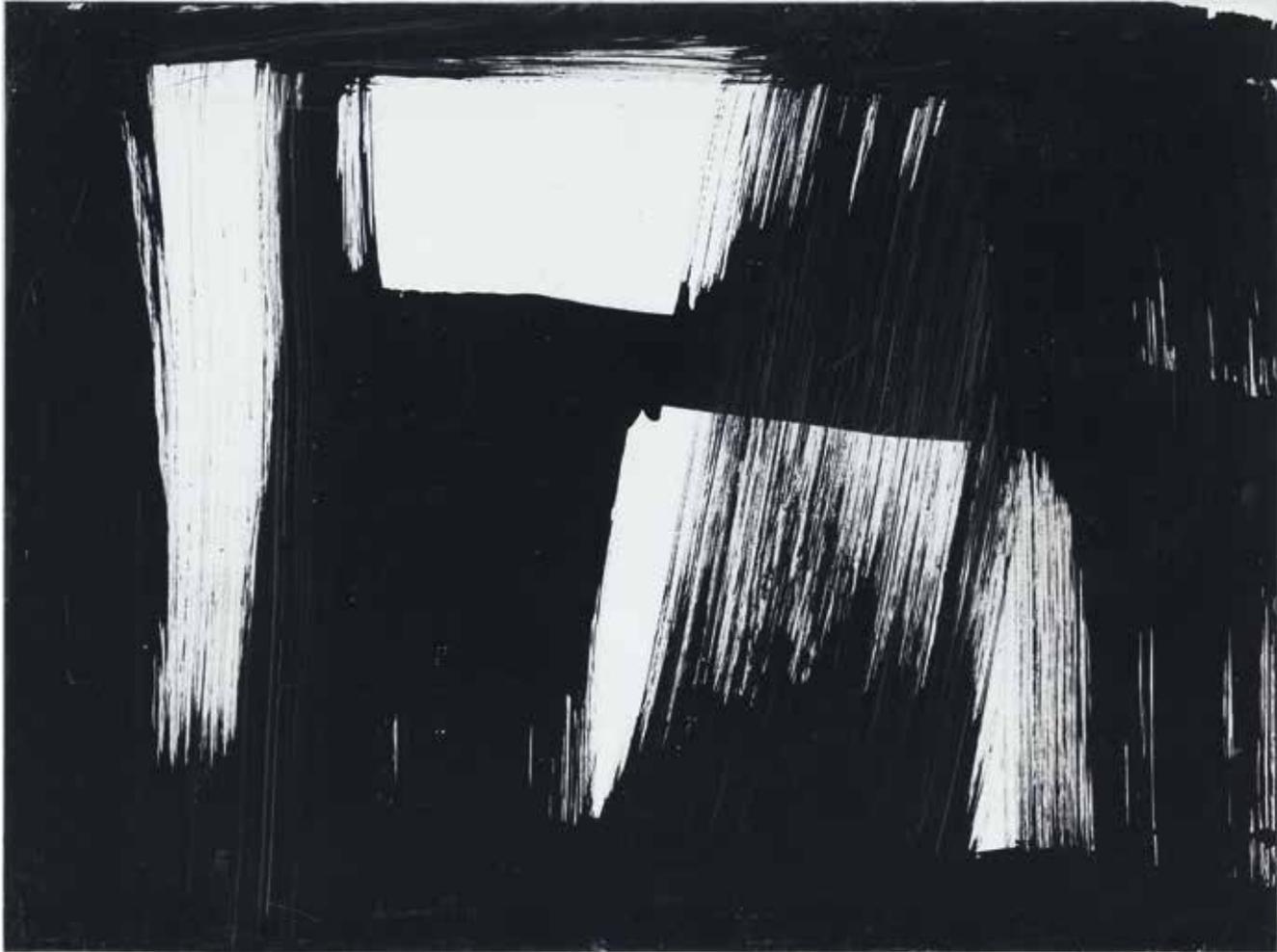
Enfim, Amilcar é um homem que nasceu para materializar a essência. Por fim, não dá para omitir duas forças características de Amilcar: a qualidade intrínseca de seu trabalho e a generosidade de seu coração. No primeiro caso, parece consequência natural que sua obra desperte empatia e adesão. Sobre isso muito se falou e muito se falará. Quanto ao caráter solidário e desprendido, termino este texto com um exemplo que o próprio Amilcar oferece. No dia em que partiu do Ateliê de Desenho para não voltar mais, aposentando-se, recebi em casa um envelope que continha o que se segue:

Viva os 10 anos
do Atelier de José Alberto Nemer
na Escola de Belas Artes da U.F.M.G.

Romper a crosta de preconceitos,
livresco ou não,
e trazer à tona o espontâneo,
é caminho e dever da Escola,
principalmente,
da que se chama de Belas Artes.
Fora não há
Dentro mora a poesia,
e a grandeza de ver
Sejamos poetas e mágicos
Façamos existir
o que ainda não existe
Sejamos originais
na busca da própria origem.
Participemos do diálogo universal
sem medo do escuro
grilhões ou vigilâncias
Confiemos na vida
aventura maior
e que não se repete.

Amilcar de Castro
19.01.91

José Alberto Nemer



S/TÍTULO 1022 1988
ACRÍLICA SOBRE EUCATEX
90 x 120 CM



S/TÍTULO 1028 DÉC. 80
ACRÍLICA SOBRE EUCATEX
84 x 123 CM

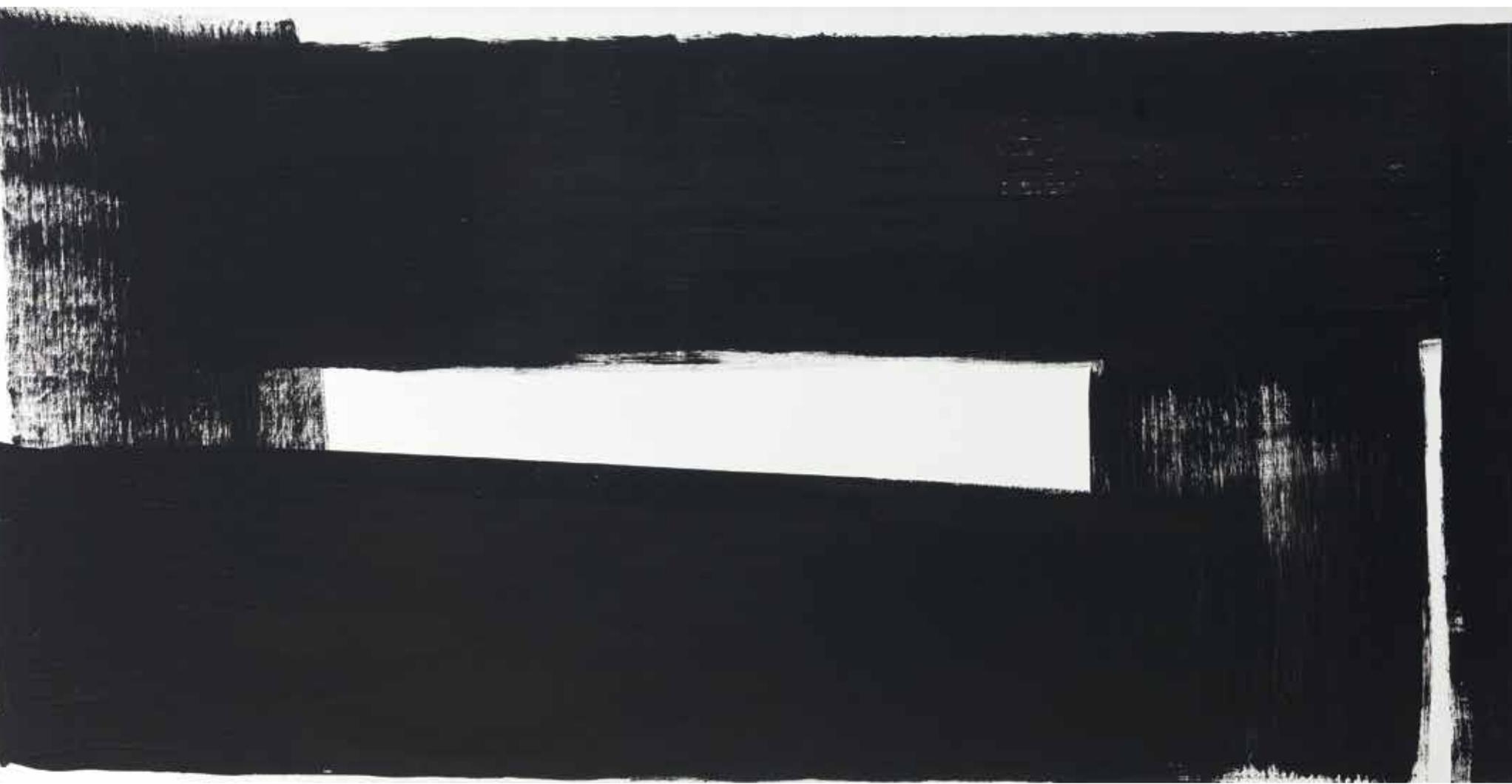
S/TÍTULO 0495 DÉC. 80
ACRÍLICA SOBRE TELA
137 x 183 CM



S/TÍTULO 0542 DÉC. 80
ACRÍLICA SOBRE TELA
154 x 266 CM



S/TÍTULO 0535 DÉC. 80
ACRÍLICA SOBRE TELA
100 X 200 CM



A experiência radical

Alguns aspectos da escultura moderna talvez ainda não tenham sido devidamente explicitados pela crítica, e um deles é a troca do volume pelo plano, da massa pela superfície. Não tenho o propósito de discutir essa questão, muito menos aqui, quando escrevo apenas uma rápida apreciação da obra de Amilcar de Castro. Não obstante, é precisamente porque retomo a reflexão sobre suas obras que esse problema se coloca. É que a obra de Amilcar, por sua exemplaridade, situa-se no centro mesmo da discussão da escultura moderna.

Explico-me. O movimento de arte neoconcreta de que Amilcar foi um dos protagonistas, radicalizou as questões da arte contemporânea como nenhum outro movimento o fizera até aquela época no Brasil e, por isso mesmo, pôs sobre a mesa as questões essenciais com que ela lidava desde o neoplasticismo, o suprematismo, o construtivismo e, nos anos 50, a Escola de Ulm. Ou seja, que arte fazer depois da ruptura com a natureza? Essa ruptura implicava o abandono da figura e conseqüentemente de toda a linguagem pictórica e escultórica do passado. No plano da escultura, Amilcar é quem vai mais fundo nessa indagação.

A matéria da escultura tinha sido até começos do século 20 o volume, a massa. Com Pevsner, Gabo, Max Bill, entre outros a massa se evapora deixando em seu lugar o espaço vazio. Amilcar entende que cabia ao escultor, então, reinventar a escultura a partir do plano, que é o contrário do volume. Na verdade, outros escultores lidaram com essa mesma questão, mas o específico da experiência amilcariana está na radicalidade com que assumiu o desafio: do plano (da superfície plana) nascerá a nova escultura sem nenhum artifício, sem apelo a nenhum recurso estranho à natureza do próprio plano. É um começar de novo, a partir do zero.

Acompanhei, no começo dos anos 50, a busca que ele realizava, as suas perplexidades e tentativas diante da superfície inerte e muda que era sua única herança. Até que um dia veio-lhe a resposta: cortou uma placa retangular no meio e moveu uma das partes para baixo e a outra para cima; a placa bidimensional, com esse simples movimento, tornara-se tridimensional - volume!

Começa aí a escultura Amilcar de Castro. Um corte e um gesto. A placa, invencivelmente calada e imóvel, enfim se anima e fala. Uma fala que se refere à sua própria origem e retorna incessantemente a ela, porque, na verdade, todas as obras que Amilcar produziu desde aquele remoto momento (1958?/1959?) são variações daquela primeira obra. A placa muda de forma - quadrada, circular, paralelogrâmica -, muda de proporção, muda de espessura, mas como consequência do mesmo recurso expressivo: o corte e a dobra.

É verdade que esse procedimento se enriquece ao longo dos anos com novos elementos que, no entanto, não alteram sua natureza, mas antes a acentuam, como o uso da placa de ferro espessa, de grande formato, que, por ser espessa e grande, valoriza tanto o corte quanto a dobra. Como se vê, é a superfície que fala conforme suas qualidades materiais, se menos ou maior, se mais espessa ou mais fina.

Houve, porém, um momento em que Amilcar buscou um novo modo de criar sua escultura. Foi quando produziu a série de obras em que utilizou o corte, mas não a dobra, ou seja, abdicou da criação do volume virtual. Nessa fase, a placa é tão espessa que já nem pode ser chamada de placa, mas de bloco. São blocos de ferro, de pequeno tamanho e forma retangular ou quadrada. O corte vale por si mesmo e não como um meio para possibilitar a dobra: ele é feito para permitir a penetração do espaço no bloco compacto de ferro ou para permitir a inserção de um bloco no outro. É uma experiência que lembra a “linha orgânica” de Lygia Clark, mas que não é uma cópia, e sim uma redescoberta. Amilcar, assim, retomava a problemática da escultura enquanto massa, como a ajustar contas com o passado.

A fase atual é uma continuação da linguagem de cortes e dobras, só que agora explorando novas possibilidades desse procedimento. É que as obras atuais foram feitas com um tipo especial de aço que permite o uso de placas mais delgadas, o que, por sua vez, possibilita diferentes modos de dobrá-las.

Ferreira Gullar (2000)

S/TÍTULO EMD-005 DÉC. 80
ESCULTURA EM MADEIRA
30 x 60 x 12,5cm



S/TÍTULO EMD-028 Déc. 80
ESCULTURA EM MADEIRA
30 x 38 x 7CM







S/TÍTULO EMD-058 Déc. 80
ESCULTURA EM MADEIRA
15 x 32 x 8cm
PÁG. 30

S/TÍTULO EMD-054 Déc. 80
ESCULTURA EM MADEIRA
28 x 58 x 9cm
PÁG. 31

S/TÍTULO EC3P-049 Déc. 80
ESCULTURA EM AÇO
14,6 x 60 x 7,7cm
PÁG. 33





S/TÍTULO EC2P-024 Déc. 80
ESCULTURA EM AÇO
30 x 30 x 5cm





S/TÍTULO EC4P-00 I DÉC. 80
ESCALURA EM AÇO
30 x 102 x 20cm





S/título EC4P-O15 Déc. 80
ESCULTURA EM AÇO
50 x 50 x 10,3cm





S/TÍTULO EC4P-016 Déc. 80
ESCULTURA EM AÇO
40 x 40 x 10,5cm



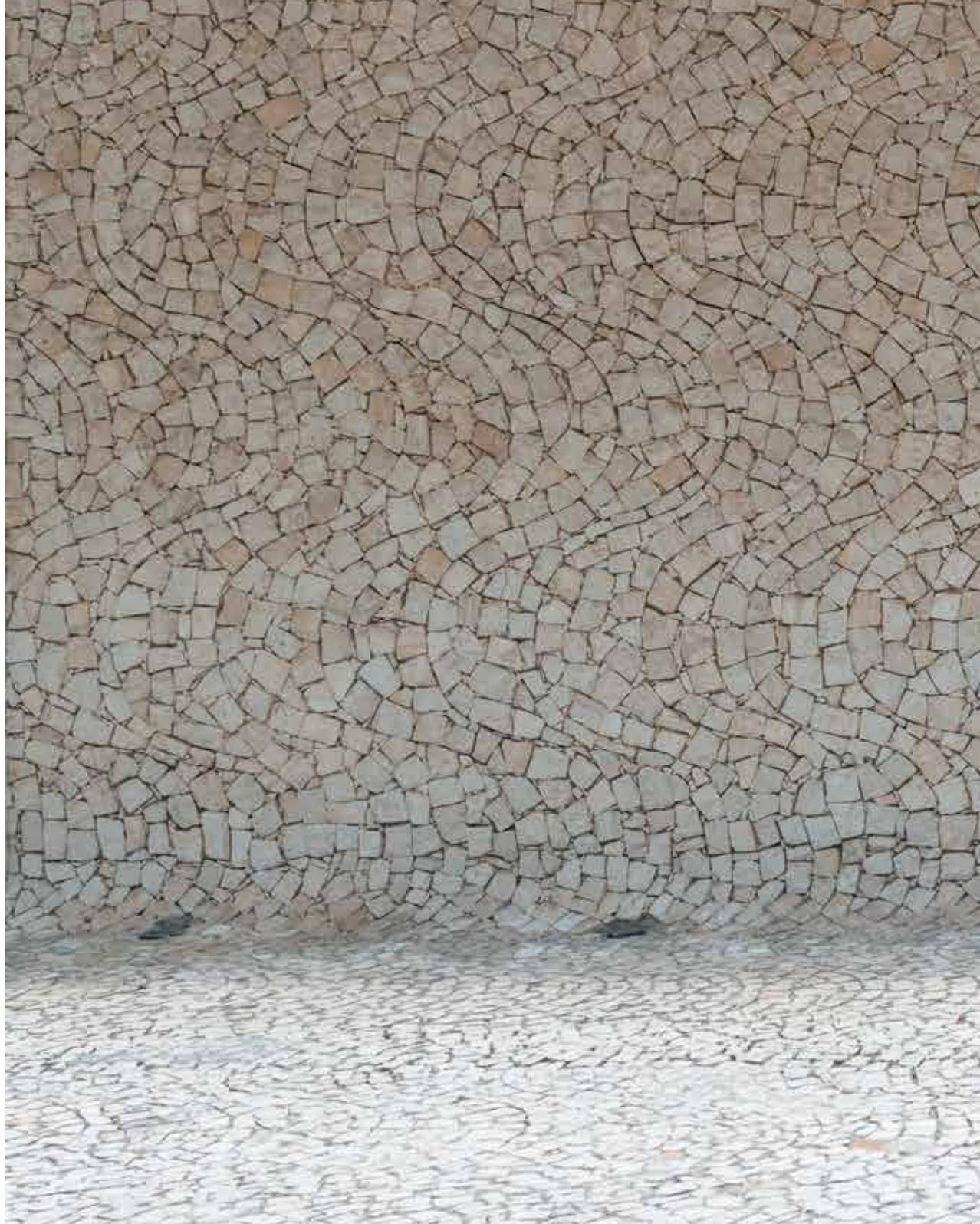




S/título EC5P-036 Déc. 80
ESCULTURA EM AÇO
50 x 50 x 12,5cm



S/título IRR-43 Déc. 1980
ESCALURA EM AÇO
241 x 195 x 88 cm











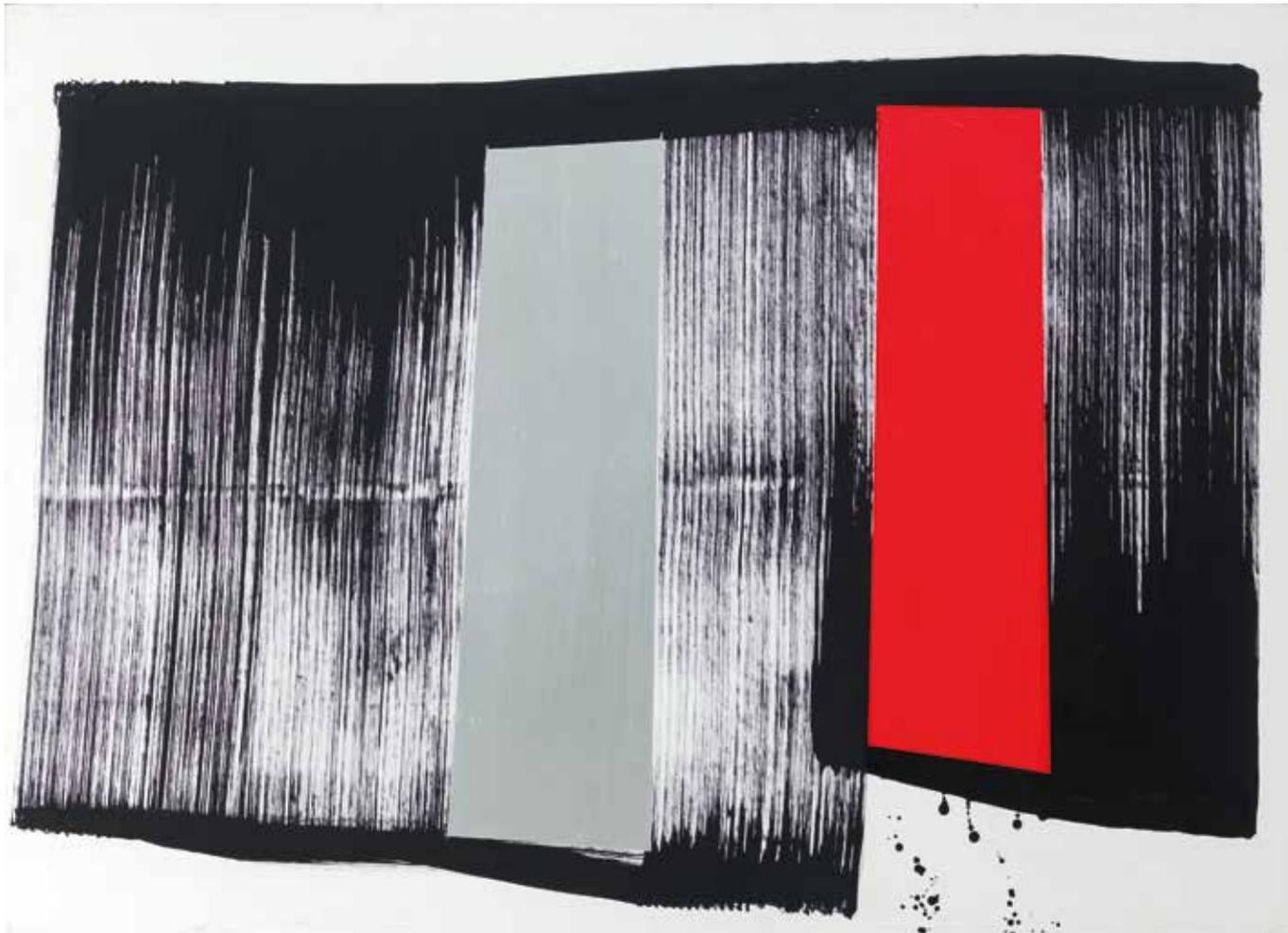
Amilcar de Castro é uma referência para mim, como artista e como professor.

Fui seu aluno apenas um semestre na EBA, mas meu aprendizado com ele se deu mais quando me tornei professor. Fiz com ele várias entrevistas para minha tese de doutorado. Foram longas conversas no seu atelier na Rua Goiás e no outro, ainda em construção, em Nova Lima. Vi como o sentido de precisão que ele defendia era pleno de liberdade. Com ele aprendi a gostar mais de ver e fazer arte. Sempre lhe sou agradecido.

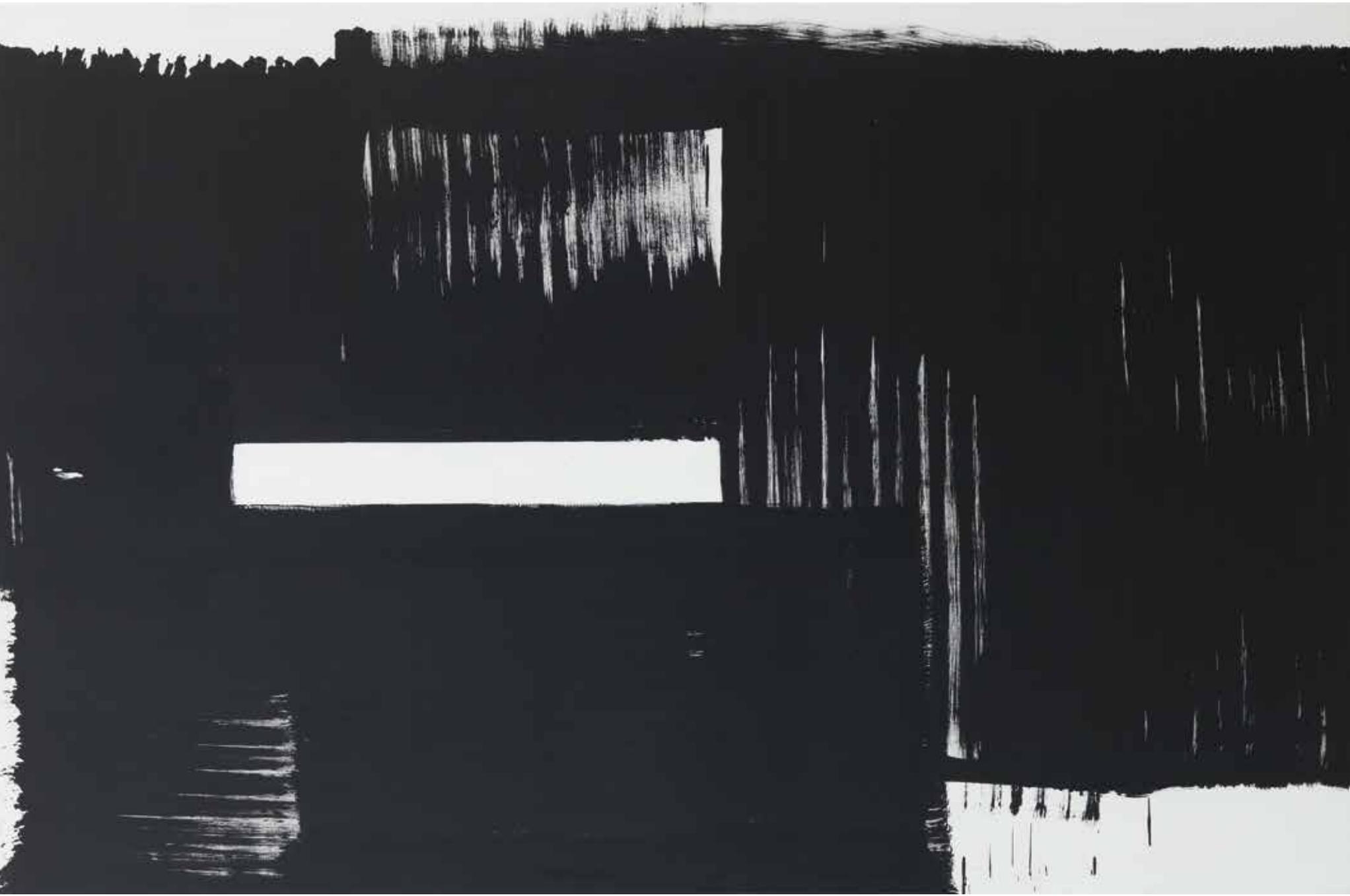
Certa vez ouvi de Baravelli esta frase que eu gosto muito: eu gostaria de fazer um desenho que Rubens admirasse. Na ocasião eu disse a seguinte: eu gostaria de fazer um desenho que Amilcar admirasse.

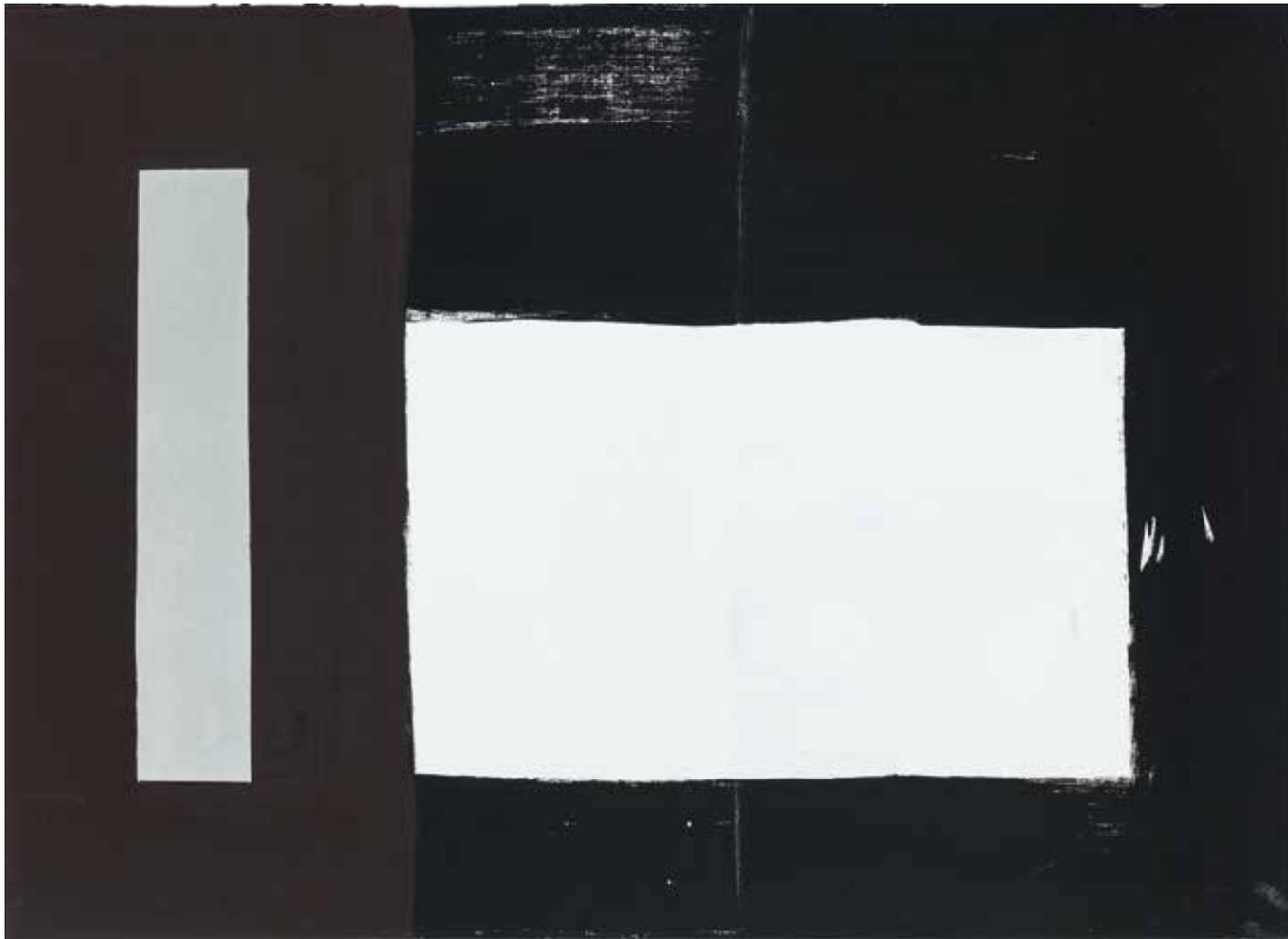
Fernando Augusto

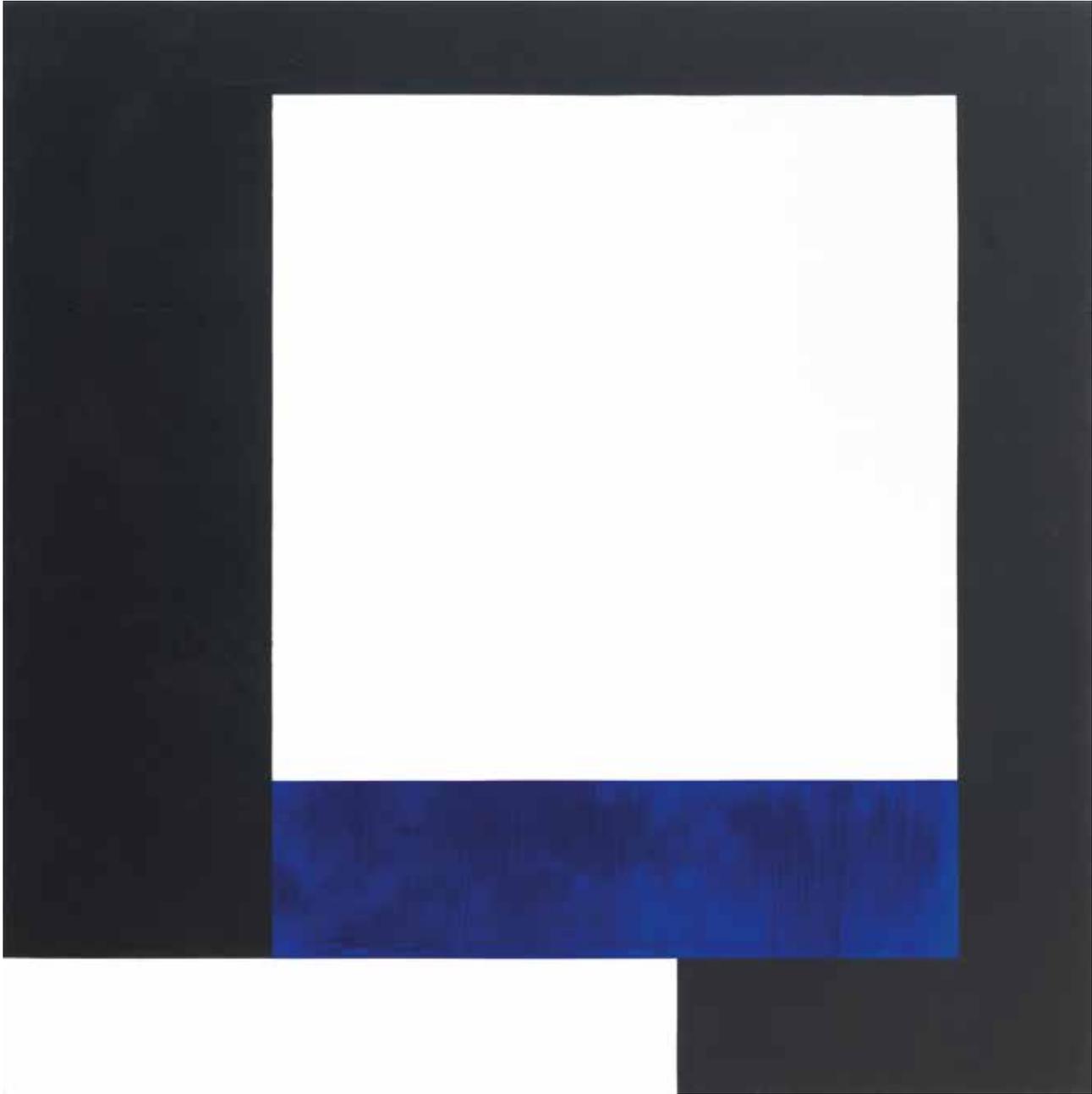
S/TÍTULO 0477 Déc. 90
ACRÍLICA SOBRE TELA
130 x 187 CM



S/TÍTULO 0270 Déc. 90
ACRÍLICA SOBRE TELA
195 x 300 CM







S/TÍTULO 0347 Déc. 90
ACRÍLICA SOBRE TELA
100 x 138 CM
PÁG. 54

S/TÍTULO 0130 Déc. 90
ACRÍLICA SOBRE TELA
210 x 210 CM
PÁG. 55

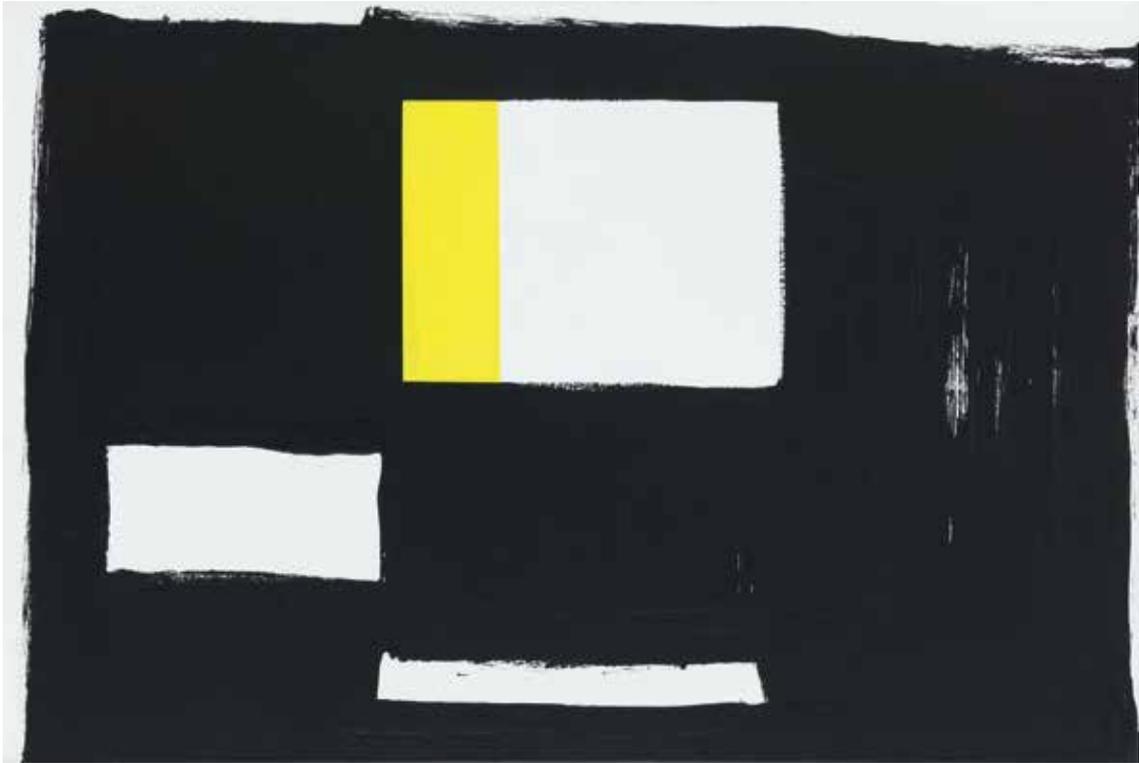
S/TÍTULO 0466 Déc. 90
ACRÍLICA SOBRE TELA
147 x 200 CM
PÁG. 57



S/TÍTULO O I 58 Déc. 90
ACRÍLICA SOBRE TELA
80 x 160 CM







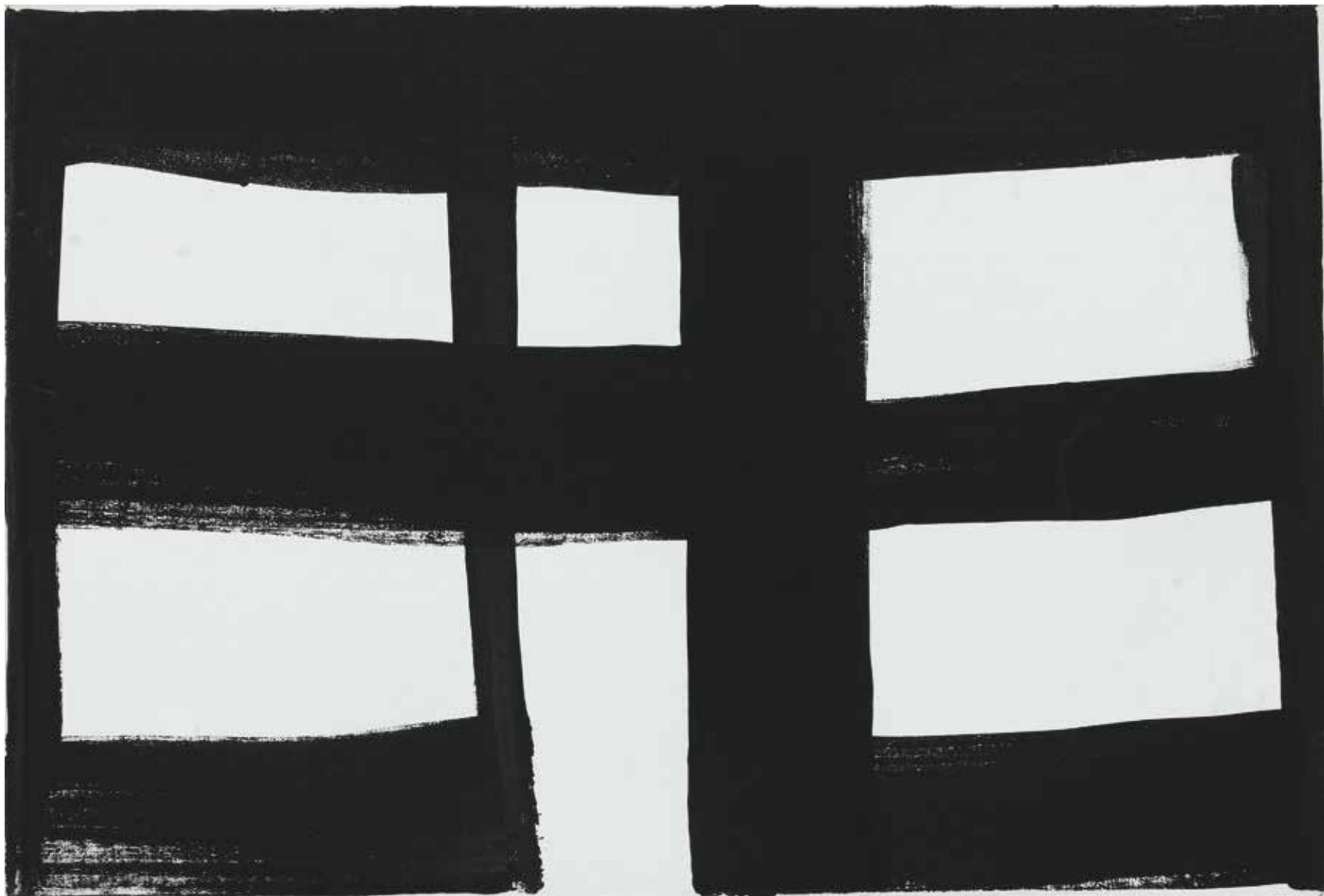
S/TÍTULO 0210 DÉC. 90
ACRÍLICA SOBRE TELA
80 x 122 CM
PÁG. 60

S/TÍTULO 0207 DÉC. 90
ACRÍLICA SOBRE TELA
80 x 120 CM
PÁG. 61

S/TÍTULO 0213 DÉC. 90
ACRÍLICA SOBRE TELA
80 x 120 CM
PÁG. 63



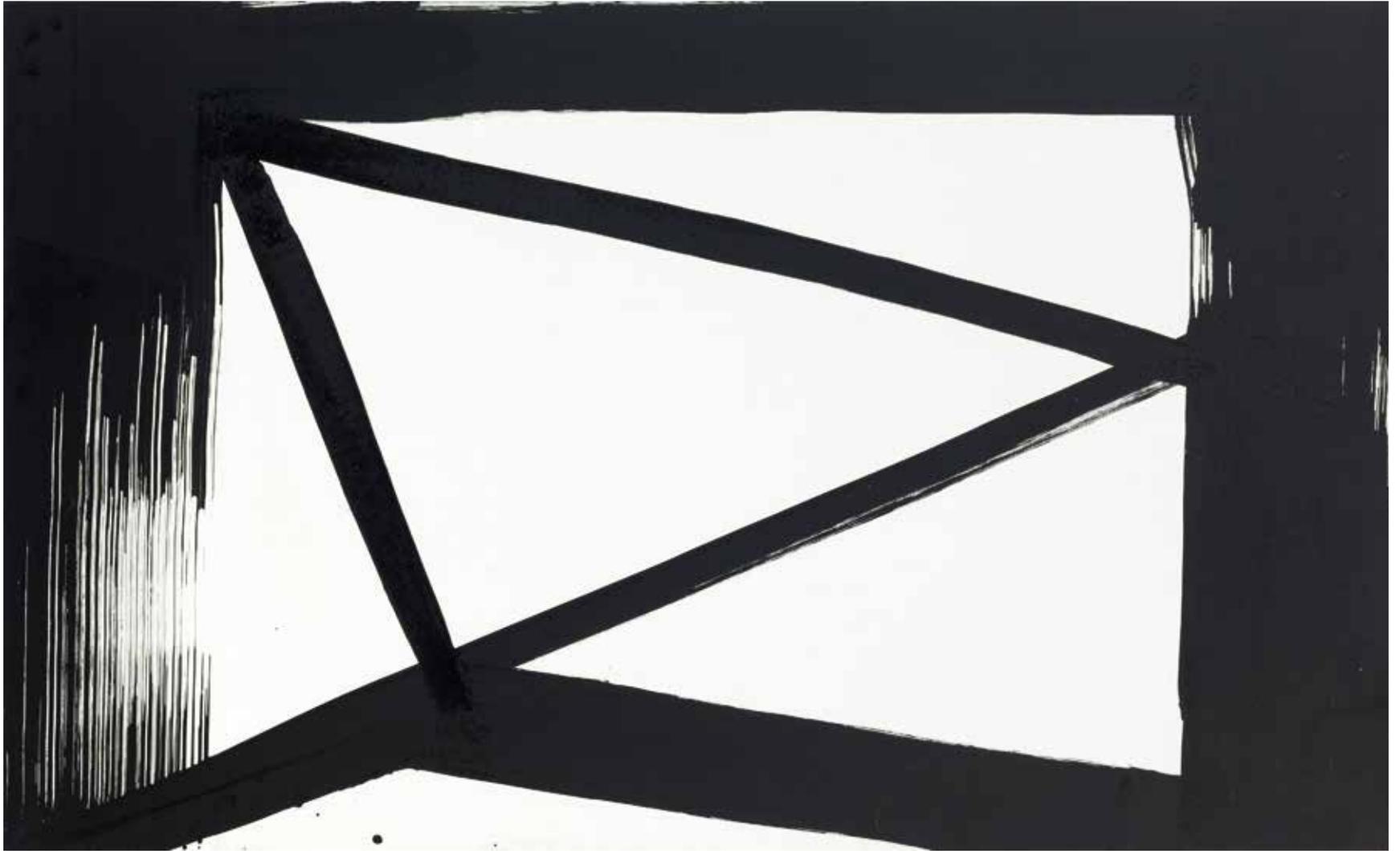
S/TÍTULO 0359 DÉC. 90
ACRÍLICA SOBRE TELA
80 X 120 CM



S/TÍTULO I I 08 DÉC. 90
ACRÍLICA SOBRE EUCATEX
122 X 265 CM



S/TÍTULO 0539 DÉc. 90
ACRÍLICA SOBRE TELA
138 X 228 CM





A superfície está em branco. Eu também. Se com um gesto eu a toco, sou tocado. Aí é quando tem início o gesto e eu sou a única testemunha que jamais poderá mentir.

100 anos de Amilcar de Castro. Ficou para todos nós o desenho rigoroso, calculado, pensado, ou o desenho improvisado na hora, no papel, nas telas ou no ferro de suas esculturas. Foram vários os períodos da sua criação ao trabalhar com os mais diversos materiais, o corte e a dobra na matéria, corte e dobra para um objeto tridimensional conversando com o espaço, o fazer rigoroso da forma, o equilíbrio da composição, o despojamento do ritmo e da expressividade que imprime sobre a superfície da tela ou do papel ou do ferro, coerência, inteireza e clareza, e aí tanto faz seja ela bi ou tridimensional, em grandes ou pequenos formatos, o que temos é a linguagem pessoal de quem criou uma obra singular e poética. Estas palavras, para finalizar, não podem perder de vista o que certa vez ele disse: **Tenho horror de definição. Você fecha. Você trava. O critério é a sensibilidade. Não adianta teoria, definições, informações. O fundamental é a sua sensibilidade. O resto é conversa fiada.**

Claudius Portugal

S/TÍTULO EMD-36 DEC 1990
ESCULTURA EM MADEIRA
29,5 x 30,5 x 7cm





S/TÍTULO EMD-004 1990
ESCUPTURA EM MADEIRA
42 x 41 x 13,5 CM (CADA)





S/TÍTULO - CDQ - 02 1996
ESCULTURA EM AÇO CORTEN
50 CM DIÂMETRO







S/TÍTULO CDR-10 1996
ESCUPTURA EM AÇO
Ø50 x 1,2cm

S/TÍTULO CDR-28 1996
ESCULTURA EM AÇO
Ø50 x 1,2cm





S/título CDR-30 1996
ESCUPTURA EM AÇO
Ø50 x 1,2cm





S/TÍTULO 1996
ESCALURA EM AÇO CORTEN
50 CM DIÂMETRO





S/título CDR-33 1996
ESCALURA EM AÇO
Ø50 x 1,2cm





A Consciência do Fazer

Quando acordei
logo percebi um enorme cristal girando
solto no ar, a dois metros do chão
Era tão grande que não se enxergava os seus limites
que se confundiam com o ar ou com o vento.
era um cristal de mil faces ou sei lá de quantas mil
E em cada face estava desenhada uma coisa.
Todas as coisas do mundo.
Era um cristal nominativo.
era um acervo memória universal.
la girando vagarosamente.
Às vezes os reflexos coloridos se multiplicavam
iluminando e colorindo a terra
como se fossem relâmpagos em céu azul.
Sua transparência mostrava imenso espaço interior
na livre dança das coisas.
la girando vagarosamente como se quisesse ensinar
Ser é essência.
A existência existe de graça.
O homem e as coisas existem de graça.
Um não existe sem o outro.
Eu sou porque ela é.
Ela é porque eu sou.
Somos de graça.
A superfície está em branco.
Eu também.
Se com um gesto a toco,
eu sou tocado.
É quando tem início um diálogo
do qual sou a única testemunha
que jamais poderá mentir.

Amilcar de Castro

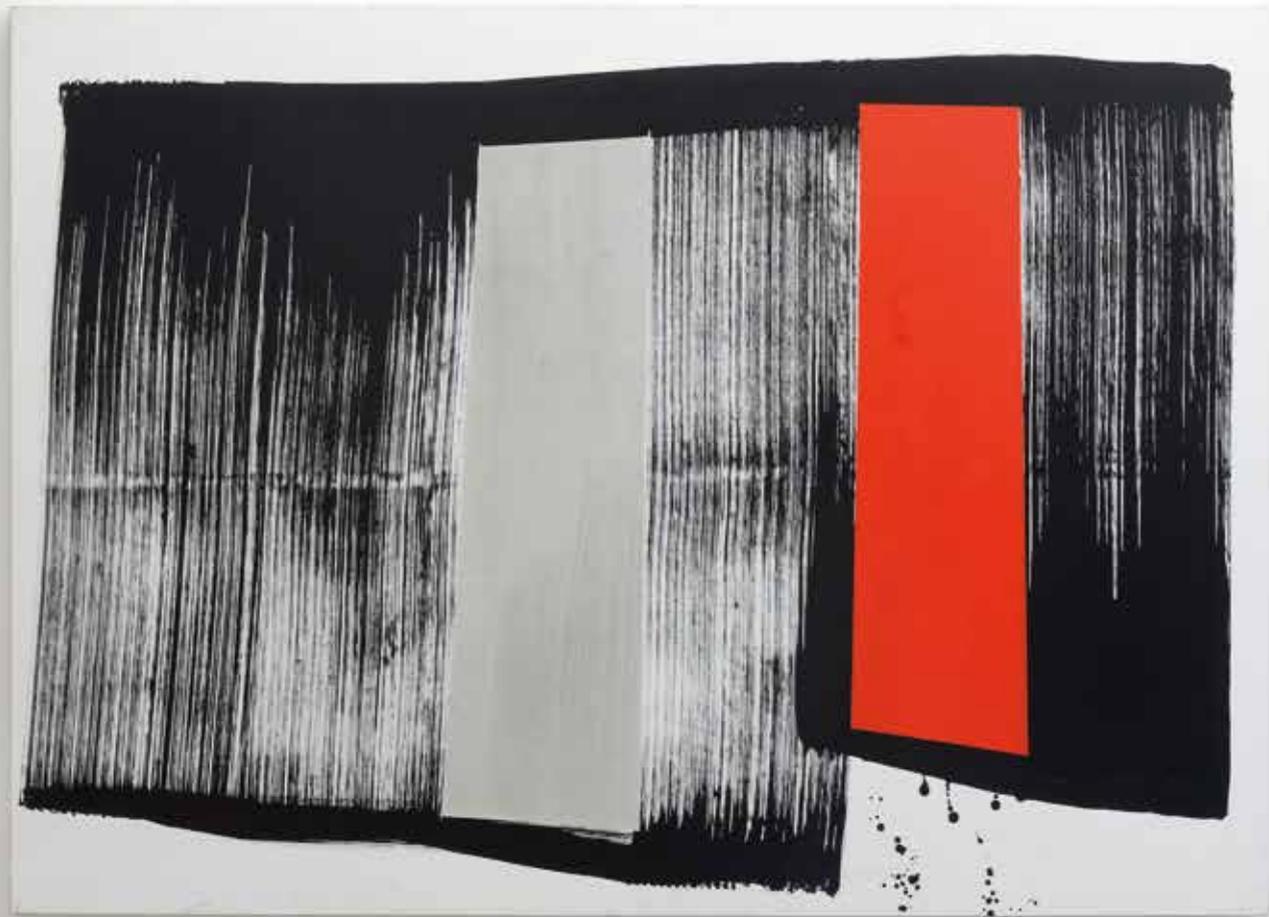
COLUNA DE VIDRO 1997
ESCALURA EM VIDRO E MADEIRA
201 X 38 X 28CM



Amilcar de Castro-Pai

Acredito que como todos os pais foi um pai imperfeito, mas para mim, perfeito na sua imperfeição. Aprendi muito com Amilcar, com certeza a correção, a força do trabalho, a generosidade, o gosto pela arte, pela leitura e pela música foram exemplos que marcaram minha formação e a pessoa que sou.

Ana de Castro









S/título CDQ-08 Déc. 70
ESCULTURA EM AÇO
120 x 120 x 2,5cm

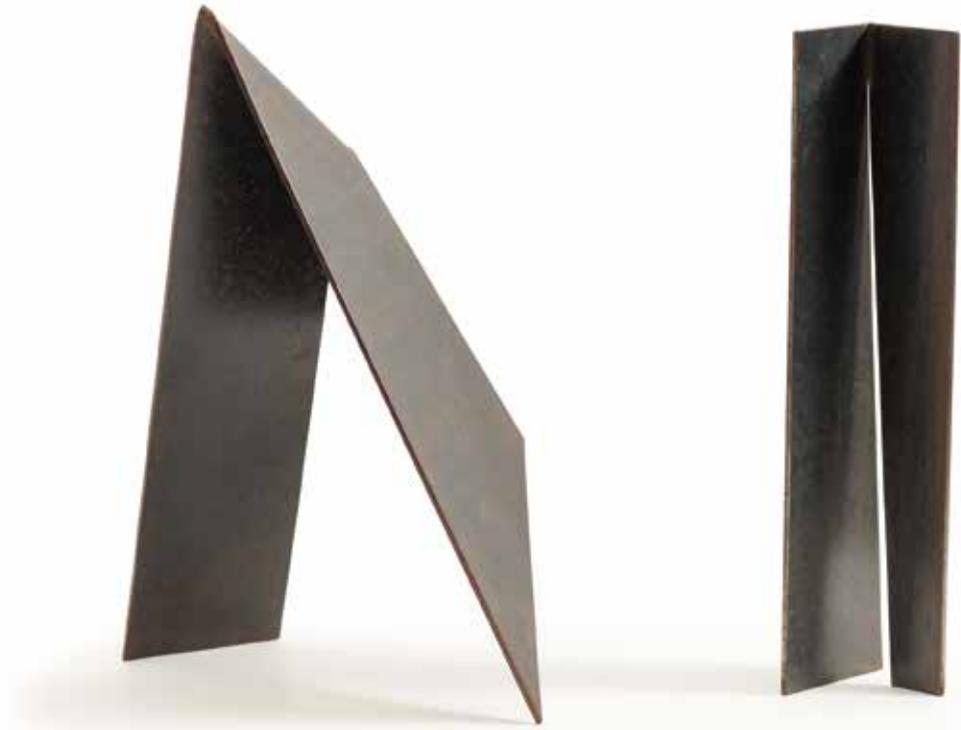
Aprendi com o meu pai e artista que o melhor caminho é o da simplicidade.
E com certeza este caminho é o mais difícil. E o que vale realmente a pena.
Saudade!!

Pedro de Castro

S/TÍTULO CDV-2 I DÉC. 90
ESCULTURA EM AÇO
80 x 40 x 1,2cm







S/TÍTULO IRR-06 1998
ESCULTURA EM AÇO
16 x 26 x 0,3CM
PÁG. 98 / ESQ.

S/TÍTULO CDQ-17 1992
ESCULTURA EM AÇO
21 x 21 x 0,3CM
PÁG. 98 / DIR.

S/TÍTULO IRR-26 1998
ESCULTURA EM AÇO
13 x 34 x 0,3CM
PÁG. 99 / ESQ.

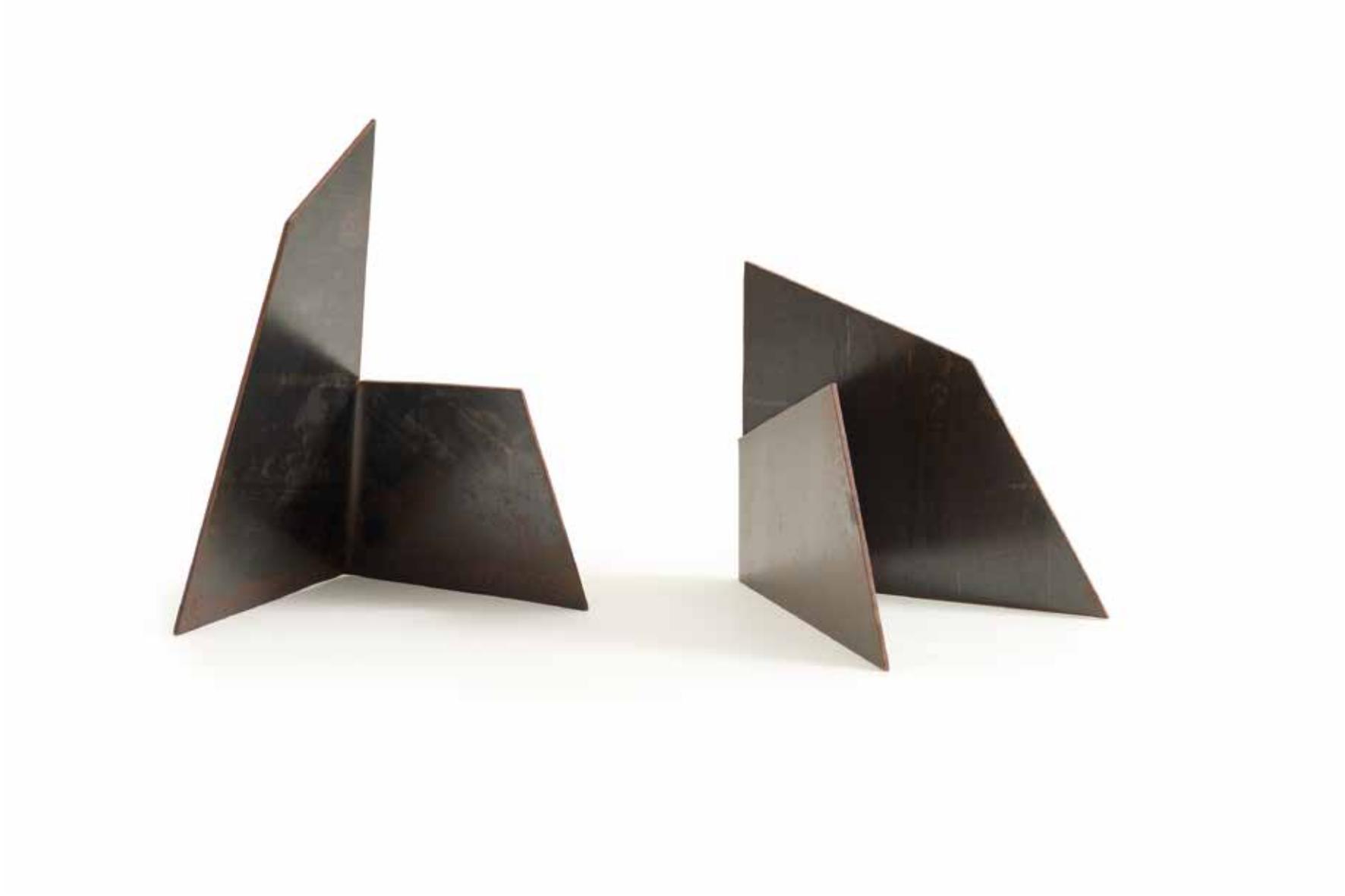
S/TÍTULO CDV-07 1994
ESCULTURA EM AÇO
30 x 10 x 0,3CM
PÁG. 99 / DIR.

S/TÍTULO IRR-04 1998
ESCULTURA EM AÇO
28 x 33 x 0,3CM
PÁG. 101 / ESQ.

S/TÍTULO IRR-59 1999
ESCULTURA EM AÇO
19 x 22,5 x 0,3CM
PÁG. 101 / DIR.

S/TÍTULO IRR-78 2000
ESCULTURA EM AÇO
20 x 37 x 0,3CM
PÁG. 102 / ESQ.

S/TÍTULO IRR-41 1998
ESCULTURA EM AÇO
23 x 29 x 0,3CM
PÁG. 102 / DIR.







S/TÍTULO IRR-39 1998
ESCULTURA EM AÇO
14 X 12 X 0,3CM
PÁG. 103 / ESQ.

S/TÍTULO IRR-79 2000
ESCULTURA EM AÇO
6 X 22 X 0,3CM
PÁG. 103 / DIR.

S/TÍTULO IRR-80 2000
ESCULTURA EM AÇO
21 X 17 X 0,3CM
PÁG. 105 / ESQ.

S/TÍTULO IRR-67 2000
ESCULTURA EM AÇO
15 X 48 X 0,3CM
PÁG. 105 / DIR.



S/TÍTULO IRR-67 2000
ESCULTURA EM AÇO
88 x 103 x 160 x 2,5cm



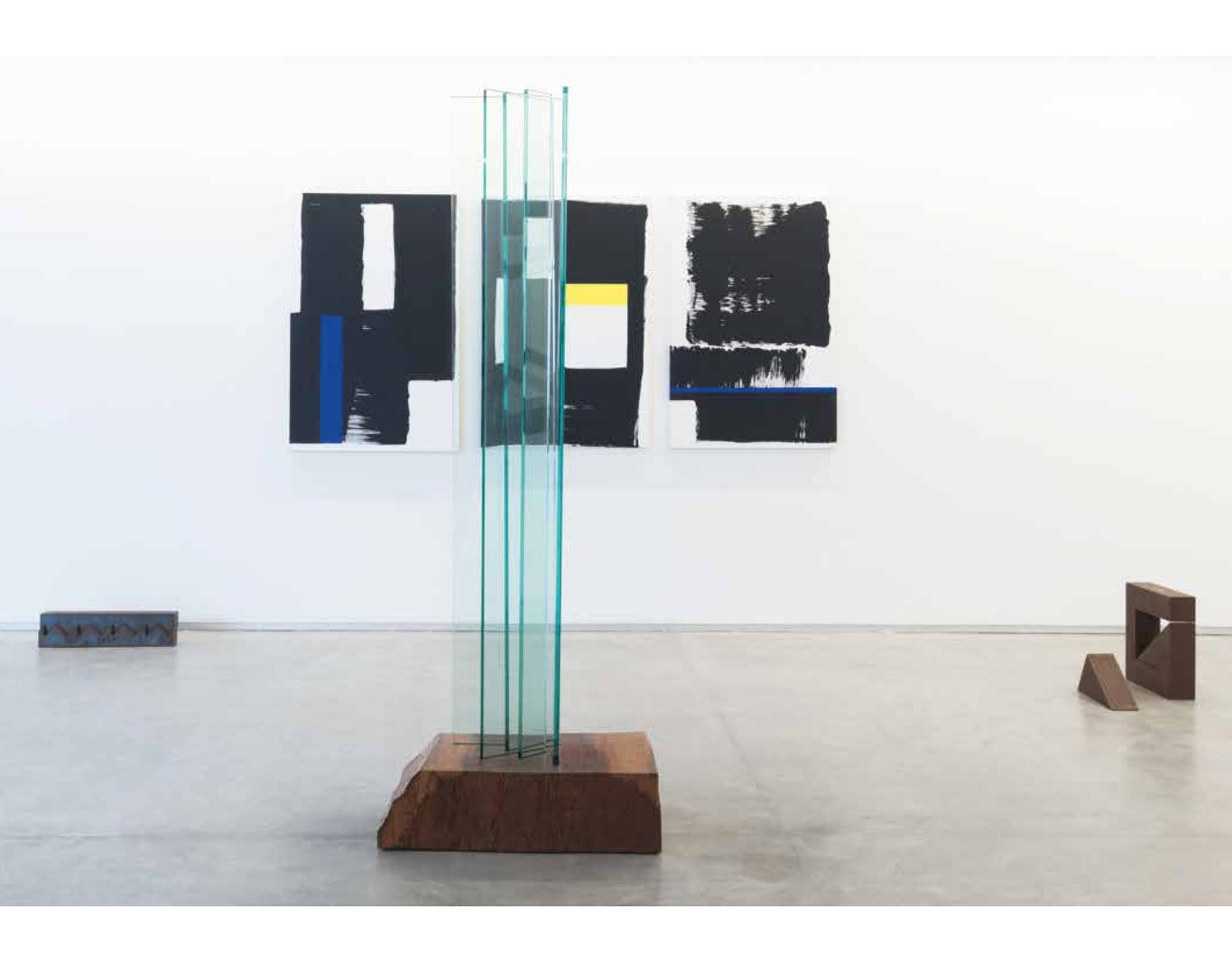
Sobre o tio Amílcar a palavra que primeiro me vem à cabeça é: INTENSIDADE! Ele exalava intensidade, tanto em seus trabalhos quanto na vida. Na forma de se relacionar, numa simples conversa. Para mim, ele sempre foi pura vibração, que expressava em seu traço quase sempre como se fosse uma pincelada de cor deixada por acabar sobre o branco em contraponto a sua escultura de formas e dobraduras de precisão quase cirúrgicas!

Amílcar de Castro, o meu tio Amílcar, é VIDA!

Thais Campello



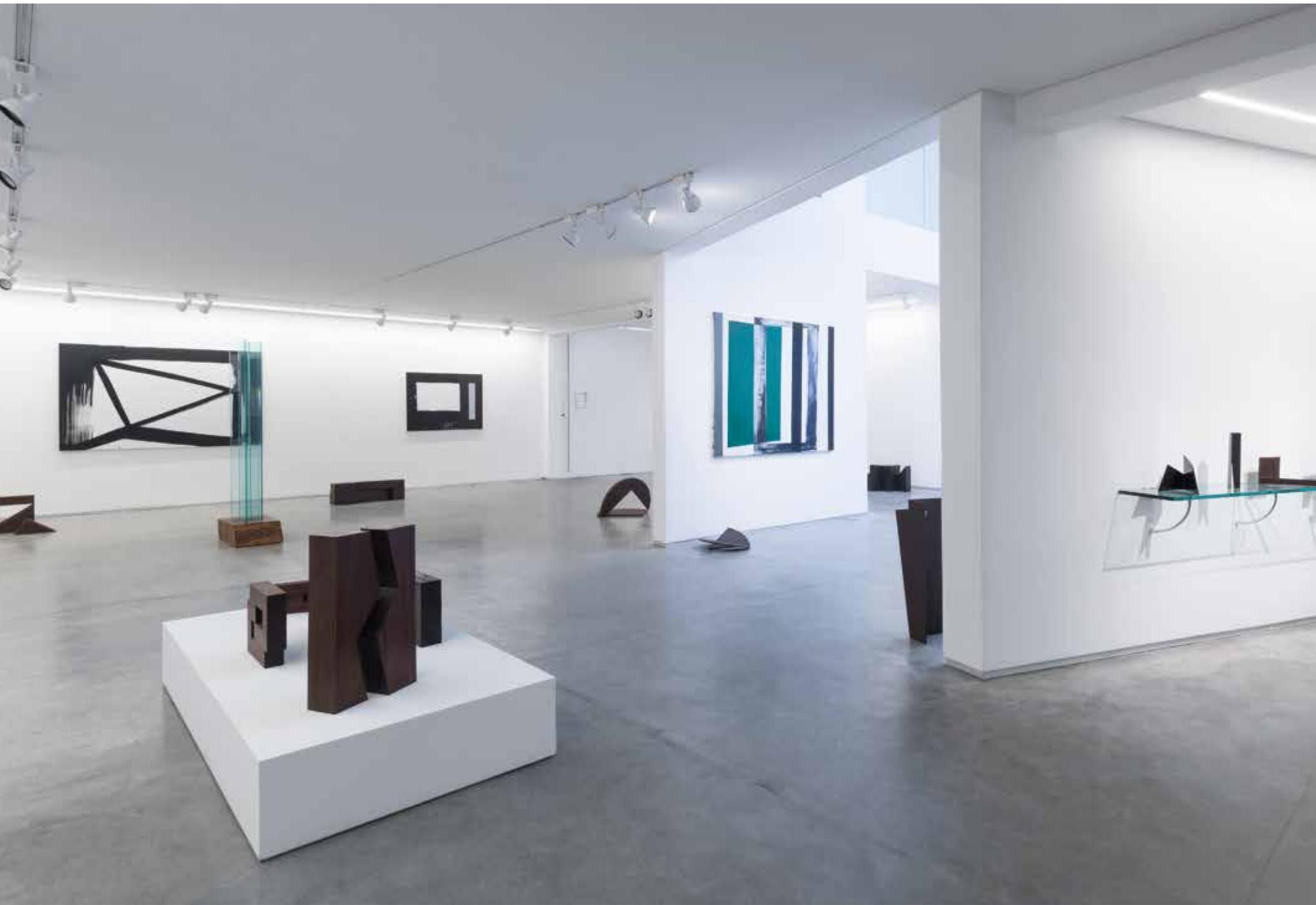














“Acreditar sempre..... e até o fim”

Amilcar de Castro

Frase curta. Palavras poucas. Um gesto largo no ar, como que empurrando esse fim para um depois, mais e muito além.

E assim foi o fazer e o realizar do artista.

Acreditando sempre em si, nas certezas de ser, como também naquelas de não ser, o caminho da sua arte.

Acreditando sempre no fazer para realizar, mesmo que os contrários sejam muitos, os valores desvalores e a angústia a espreitar as inseguranças da vida.

Acreditando sempre e até o fim realizou uma obra fora do tempo. Hoje ou em qualquer tempo, Amilcar de Castro sempre irá surpreender e preencher nosso olhar, nossa alma, com o inusitado, o novo, a arte pura de um mestre que, com sabedoria, empurrou o fim para um depois, mais e muito além do tempo.

Possível apenas quando a vida e a arte, mutuamente atraídas, realizam o incomum, o raro e impensável.

Rodrigo de Castro

BIOGRAFIA

1920 - 1935

Nasceu em 8 de junho de 1920 em Paraisópolis, Minas Gerais, filho do juiz e desembargador Amilcar Augusto de Castro e de Maria Nazareth Pereira de Castro. Deslocamentos profissionais do seu pai fazem com que a família more em diversas cidades, até se instalarem definitivamente em Belo Horizonte, em 1935.

1941-1969

Em 1941, ingressa na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, tornando-se Bacharel em 1945.

Em 1944, inscreve-se na Escola de Arquitetura e Belas Artes, frequentando o curso de desenho e pintura dado por Alberto da Veiga Guignard. Os cursos são unificados quando da criação do Instituto de Belas Artes. Amilcar faz parte da primeira turma, estreitando os laços com Guignard.

Em 1945, é selecionado para o 51º Salão Nacional de Belas Artes.

Em 1947, recebe Medalha de Bronze no V Salão de Arte Moderna do Ministério da Educação e Cultura (MEC), no Rio de Janeiro. Os trabalhos selecionados foram dois desenhos de Ouro Preto. Foi o primeiro reconhecimento oficial da carreira artística. Em 1950, integra o 55º Salão Nacional de Belas Artes, com as obras Nu e Máscara de Ceschiatti.

Em 1951, recebe medalha de bronze (categoria Escultura) no III Salão Baiano de Belas Artes, em Salvador. No mesmo ano integra a divisão moderna do 56º Salão Nacional de Belas Artes com uma escultura e dois desenhos.

Em 1955, o 1º Prêmio de Escultura no Salão Nacional de Arte Moderna da Bahia.

Em 1956, integra a Exposição Nacional de Arte Concreta, organizada pelo Grupo Ruptura.

Em 1956/57 a exposição é apresentada em São Paulo (MAM-SP) e no Rio de Janeiro (MAM-RJ).

Em 23 de março de 1959, assina o Manifesto Neoconcreto – publicado no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil –, redigido por Ferreira Gullar e também assinado Lygia Clark, Lygia Pape, Reynaldo Jardim, Franz Weissmann e Theon Spanudis.

Entre 1959 e 1961 o grupo neoconcreto organiza três exposições: - 1959 - MAM-RJ (Rio de Janeiro) e no Belvedere da Sé (Salvador) - 1960 - MEC (Rio de Janeiro) - 1961 - MAM-SP

Em 1960, participa da exposição internacional de arte concreta “Konkrete Kunst”, organizada por Max Bill, em Zurique. Em 1963 faz a cenografia do enredo da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, auxiliado pelos amigos e artistas Jackson Ribeiro e Hélio Oiticica.

Em 1965 ganha o prêmio da Fundação Guggenheim, concedido para os anos de 1968 a 1969. Foi a primeira vez que um artista brasileiro recebeu a bolsa da Fundação Guggenheim.

Em 1967, ganha o Prêmio de Viagem ao Exterior do XVII Salão Nacional de Arte Moderna (MEC, Rio de Janeiro).

Em 1968 muda-se para os Estados Unidos.

Em 1969 faz exposição individual na Galeria Kornblee (Nova York).

Faz outras exposições no Convent Jesus Sacrat Hart e na New York University, ambas em Nova York.

1971-1990

Ganha a bolsa da Fundação Guggenheim mais uma vez.

Retorna ao Brasil e decide morar em Belo Horizonte.

Dá início a sua carreira como professor, dando aulas de escultura e artes na Fundação de Artes de Ouro Preto, e na Escola Guignard, aonde vem a ser diretor. Durante as décadas de 70 e 80 leciona escultura, desenho, teoria da forma e composição na Faculdade de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Aposenta-se como professor em 1990.

Em 1973 retoma os trabalhos de desenho que, antes eram projetos de esculturas e, agora, passam a ser trabalhos independentes. Esses trabalhos ficaram desconhecidos do público até 1976, quando são exibidos no IV Salão Global de Inverno de 1976, em Belo Horizonte.

Em 1975, desenvolve pinturas em acrílico com trinchas e vassouras.

Em 1977, recebe na categoria Desenho, o prêmio do Panorama da Arte Brasileira, organizado pelo MAM-SP.

Em 1978 é premiado na categoria Escultura.

Faz, em 1978, sua primeira exposição individual no país, mostrando desenhos no Gabinete de Arte Raquel Arnaud (São Paulo). Nas décadas de 80 e 90 faz várias exposições na galeria.

Também em 1978 executa sua maior escultura de 32m para a cidade de Ouro Branco, MG.

Em 1979, participa em sala especial da XV Bienal Internacional de São Paulo.

Em 1984, participa do projeto da Escola de Artes e Ofícios de Contagem - EAOC, MG. Projeto voltado para alunos carentes, não é levado adiante pelas autoridades do governo.

Em 1989, com a curadoria de Paulo Sergio Duarte, realiza-se sua primeira retrospectiva, no Paço Imperial do Rio de Janeiro.

Em 1992, em São Paulo, o MASP realiza nova retrospectiva.

Realiza várias exposições na década de 90 e participa de coletivas no Brasil e no exterior.

Em 1995, recebe o Prêmio Nacional da Funarte – Fundação Nacional de Arte – e pelo Ministério da Cultura.

Em 1997, é premiado na primeira edição do Prêmio Johnnie Walker de Artes Plásticas.

Em 2001, inaugura seu novo atelier em Nova Lima, MG, com projeto do arquiteto Allen Roscoe.

2002

Morre em Belo Horizonte, em 22 de novembro de 2002.





Organização

Paulo Darzé

Thais Darzé

Produção Executiva

Cica Lima

Bruna Sanjuán

Projeto Gráfico

Juliana Rabinovitz

Fotografias e tratamento de imagens

Andrew Kemp

Revisão

Claudius Portugal

Agradecimento

Instituto Amilcar de Castro

Rodrigo de Castro

Ana de Castro



Rua Dr Chrysippo Aguiar, 8, Corredor da Vitória
Salvador . Bahia . Brasil / 40081-310
www.paulodarzegaleria.com.br